

SEGUNDA CASA, SEGUNDA VIDA: A BIOGRAFIA DOS OBJETOS DE MUSEUS

Submetido em 21/09/2020
Aceito em 07/11/2020

Olivia Silva Nery¹
José Paulo Siefert Brahm²
Juliane Conceição Primon Serres³
Diego Lemos Ribeiro⁴

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo refletir sobre os objetos que fazem parte dos museus, pensando-os, muito além de sua materialidade. Abordaremos como os objetos, ao fazerem parte dos museus e passarem pelo processo de musealização, são considerados documentos, ganham uma segunda vida como patrimônio, uma nova chance, dando continuidade a sua biografia, têm esmaecida sua função utilitária inicial e incorporam novas camadas simbólicas. Além disso, passam a ser testemunhos de uma história, conectando passado, presente e futuro, ao mesmo tempo em que servem como pontes para a evocação de memórias e para o fortalecimento das identidades dos diferentes sujeitos e grupos. Para confrontar a teoria ao campo aplicado, traremos como estudo dois objetos, a carroça, acervo que faz parte do Museu Gruppelli, e o leque, que faz parte do Museu da Cidade do Rio Grande.

PALAVRAS-CHAVE: Museu. Documento. Objeto. Biografia.

SECOND HOUSE, SECOND LIFE: MUSEUM OBJECTS' BIOGRAPHY

ABSTRACT: *The purpose of this article is to reflect on the objects that are part of museums, thinking about them, far beyond their materiality. We will approach how the objects, when they are part of museums and pass the musealization process, are considered documents, gain a second life as heritage, a new chance, continuing their biography, have their initial utilitarian function faded and new symbolic layers incorporated. They become testimonies of a history, connecting past, present and future, while serve as bridges for memories evocation and in the strengthening of different subjects and groups identities. To confront theory with applied field, we will bring as study two objects, the wagon, a collection that is part of the Gruppelli Museum, and the fan, that is part of the Rio Grande City Museum.*

KEYWORDS: *Museum. Document. Object. Biography.*

¹ Bacharela em História (FURG), Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPel) e Doutora em História (PUCRS). Tel: (53) 91339283. E-mail: olivianery@gmail.com

² Bacharel em Museologia (UFPel). Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPel) e Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPel). Bolsista CAPES – código de financiamento 001. Tel: (53) 9 8142-2623. E-mail: josepaulobrahm@gmail.com

³ Doutora em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professora Adjunta do Instituto de Ciências Humanas e do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Tel: (53) 9 9177-9312. E-mail: julianeserres@gmail.com

⁴ Doutor em Arqueologia, Universidade de São Paulo (USP). Professor Adjunto do Curso de Bacharelado em Museologia (UFPel) e Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel. Tel: (53) 9155-5039. E-mail: dlrmuseologo@yahoo.com.br

SEGUNDA CASA, SEGUNDA VIDA: A BIOGRAFIA DOS OBJETOS DE MUSEUS

1. Introdução

Objetos ou coisas sempre remetem a lembranças de pessoas ou lugares, desde uma fotografia até um simples adereço corporal. Os objetos nos conectam com o mundo. Mostram-se companheiros emocionais e intelectuais que sustentam memórias, relacionamentos; além de provocar constantemente novas ideias. (DOHMANN, 2013, p. 33)

Objetos de todos os gêneros, dispostos nos sótãos, reivindicam um amanhã: louças, livros, cobertores, vasos, catálogos de moda, quadros, armários, cinzeiros, fuzis, de caça, discos em vinil. [...] todos se apresentam como em fim de vida, sem utilidade. Esses objetos domésticos não são apenas objetos de segunda-mão: a maior parte acompanhou a existência daqueles de quem se separam. (DEBARY, 2010, p. 27)

As duas epígrafes que dão partida a este artigo assinalam, no mínimo, para o fato de que os objetos são importantes mediadores memoriais, emocionais e identitários que acompanham o sujeito por toda, ou por quase toda a vida. A primeira é de autoria do brasileiro Marcus Dohmann (2013), que diz que os objetos, sejam quais forem sua natureza, têm a capacidade de nos conectar com o mundo, funcionando como valorosos companheiros que possibilitam a relação com o que se encontra para além da materialidade das coisas. A segunda epígrafe é do antropólogo francês Octave Debary (2010), que aponta para o fato de que muitos objetos, desde cobertores, armários ou mesmo cinzeiros, fuzis de caça, quadros, livros, quando chegam ao fim de sua vida utilitária, são geralmente descartados por seus usuários, os quais não têm a mesma sorte que outros e deixam de circular na vida das pessoas as quais conviviam diariamente, já não serão mais lembrados e nem ajudarão a compor memórias e identidades. Porém, ao fim de sua vida, reivindicam um novo amanhã, esperam por uma segunda chance, uma segunda vida: “Alguns serão escolhidos para serem reparados ou mesmo recuperados. Obterão a esperança de um novo futuro [...]” (DEBARY, 2010, p. 1).

Muitos objetos encontram nos museus a possibilidade de um novo futuro, uma nova casa, uma nova utilidade, incorporando novas histórias e funções. É-lhes prometida a ilusória ideia de eternidade, ilusória porque sabemos que os objetos, sejam eles salvaguardados em museus ou em instituições similares de memória, tendem, necessariamente, a um fim; a sensação de perenidade é superficial e a morte é inelutável: “Tentar impedir a ação do tempo sobre esses testemunhos é tão doentio quanto tentar apagar a memória das coisas. ‘O tempo não para’. A memória se renova no tempo e no espaço.” (CHAGAS, 1994a, p. 81, aspas no original). Isso pode gerar algumas contradições, uma vez que os processos de conservação e restauração, que ocupam parte considerável do trabalho de curadoria, tentam justamente frear a rota inevitável da morte patrimonial e museal.

Vale ainda ressaltar que muitos objetos não chegam ao fim de sua vida útil, pois são por nós revalorizados durante ela, por terem um “valor” a mais em relação a outros objetos, na vida do sujeito, devendo ser preservados. Em outras palavras, seja durante ou em fim de vida, são reconhecidos pelo sujeito que os concebeu, por terem uma importância além de sua materialidade.

A partir dessa ideia inicial, o presente artigo⁵ tem por objetivo refletir sobre os objetos que fazem parte dos museus, pensando-os para além de suas camadas visíveis. Abordaremos como os objetos, ao fazerem parte dos museus e passarem o processo de musealização, são considerados documentos: ganham uma segunda vida como patrimônio, uma nova chance, dando continuidade à sua biografia e “vida social” (APPADURAI, 2008), têm esmaecidas suas funções utilitárias iniciais e incorporam novas camadas simbólicas e representacionais, passam a ser testemunhos, registros de uma história, conectando passado, presente e futuro e, ao mesmo tempo, servem como pontes para a evocação de memórias e no fortalecimento das identidades dos diferentes sujeitos e grupos. Para confrontar o campo teórico ao aplicado apresentaremos e discutiremos a biografia de dois objetos: o primeiro é a carroça, acervo que faz parte do Museu Gruppelli, situado na zona rural da cidade de Pelotas/RS, e o segundo é um leque, acervo do Museu da Cidade do Rio Grande, na cidade do Rio Grande/RS. Duas cidades vizinhas, dois objetos diferentes, trajetórias distintas, mas com redes de significados e de poder simbólico que são maiores do que a própria materialidade.

A questão principal deste artigo consiste em como esses dois objetos, tão diferentes um do outro – o primeiro representante de uma vida rural e o segundo de uma urbana e elegante –, podem contribuir para pensarmos o papel dos objetos dentro das instituições museológicas. O cerne da problemática é que tanto um quanto o outro são mediadores de histórias, memórias e de uma biografia que tanto nos diz sobre sua vida material como sobre o contexto cultural, social e histórico em que estão enraizados.

Para começar a entender a imaterialidade que existe por detrás/justaposta à materialidade, faremos um aprofundamento sobre o conceito de biografia dos objetos e como ela pode ser utilizada pelos museus a fim de explorar e aproveitar ao máximo as informações que seus acervos carregam ou que lhe são atribuídas.

2. Por uma biografia dos objetos

De acordo com Peter Van Mensch (1994), a natureza dos objetos comporta dados intrínsecos e extrínsecos. Os dados intrínsecos estão associados a peso, dureza, forma, cor, textura, entre outros. Já os dados extrínsecos são referentes aos significados, às funções, ao valor estético, histórico, financeiro, simbólico e científico, entre outros. É importante destacar ainda as reflexões de Brahm, Ribeiro e

⁵ Esse texto surgiu a partir de conversas e debates sobre as pesquisas de mestrado de Olivia Nery e José Paulo Brahm, desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Tavares (2016), que consideram a existência de uma terceira natureza informativa, a qual seria relativa aos

sentidos que podem ser gerados, frutos da relação entre o sujeito e a cultura material; estes, por sua vez, são imensuráveis e mimetizáveis de acordo com as memórias e emoções que são desencadeadas secretamente no cognitivo do sujeito. (2016, p. 689)

Ao passarem o processo de musealização, os objetos de museus são considerados documentos da realidade da qual foram deslocados, embora esse deslocamento não seja, necessariamente, físico, mas, essencialmente, simbólico ou semântico⁶, pensamento partilhado por Ulpiano Bezerra de Meneses (1992, p. 111), ao afirmar que “o eixo da musealização é a transformação do objeto em documento”. Porém, indagamos: o que seria documento? “Documento pode ser aquilo que pode ser utilizado para ensinar alguma coisa a alguém” (CHAGAS, 1994b, p. 34). “[...] cuja raiz é a mesma de ‘*docere*’ = ensinar. Daí que o ‘documento’ não apenas diz, mas ensina algo de alguém ou alguma coisa; é quem ensina, ensina alguma coisa a alguém” (GUARNIERI, 2010, p. 205, aspas no original). Esse mesmo ponto de vista é partilhado pelo historiador francês Jacques Le Goff (1990, p. 462, aspas no original), quando afirma que o termo documento tem sua origem no latim “*documentum*, derivado de *docere* ‘ensinar’, evoluiu para o significado de ‘prova’ e é amplamente usado no vocabulário legislativo”.

Para Ulpiano Bezerra de Meneses (1998), nem todos os objetos serão documentos, porém, todos têm o potencial de o serem, independentemente de sua natureza. Esta ideia é partilhada pelo Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005, p. 73), quando diz que documento seria uma “unidade de registro de informações, qualquer que seja o suporte ou formato”.

Podemos relacionar esses pontos de vista para pensarmos o Museu Gruppelli e o Museu da Cidade do Rio Grande. Os objetos que fazem parte desses dois museus são documentos (ao passarem pelo processo de musealização), independentemente da natureza que possuem. Em outros termos, acreditamos que todo objeto, na atualidade, tem o potencial de ser conceituado dessa maneira.

Para o museólogo Mário Chagas (1994b), os objetos não nascem documentos, nascem objetos com funções e significados próprios. Porém, eles se tornam suportes de informação durante sua vida, a partir do nosso olhar interrogativo quando, a esses, lançamos questionamentos:

No momento em que perguntamos o nome do objeto, de que matéria-prima é constituído, quando e onde foi feito, qual o seu autor, de que tema trata, qual a sua função, em que contexto social, político, econômico e cultural foi produzido e utilizado, que relação manteve com determinados atores e conjunturas históricas etc... (CHAGAS, 1994b, p. 43).

⁶ Exemplo disso são os cemitérios que, quando musealizados, são simulacros da realidade, um espaço de representação, um patrimônio; passam por um deslocamento essencialmente semântico (TAVARES; BRAHM; RIBEIRO, 2016).

Nos dois museus analisados neste artigo essa situação é similar: as coleções que fazem parte dos museus não nasceram documentos, mas se tornaram durante sua vida, ao passarem pelo processo de musealização. Nesse caso, nos apropriamos das ideias de Brulon (2018), inspiradas em Stránský, Van Mensch e Cury, ao entender que musealização consiste num conjunto de etapas pelas quais uma peça perpassa ao ser incluída dentro de um museu: “(1) pesquisa; (2) seleção; (3) aquisição (documentação); (4) conservação; (5) comunicação; (6) pesquisa de recepção. E, logo, atuando em cadeia, essas etapas da musealização se retroalimentam” (BRULON, 2018, p. 199). Segundo o autor, esse processo é renovado em cada ação envolvendo o objeto,

[...] e em todos esses momentos ele estará sendo musealizado, em passagem contínua ao que constitui e constituirá o seu valor, por meio de vir-a-ser eterno que faz dele objeto de museu. Isto porque, como museália, ele se torna “perpetuamente” uma potência da performance museal. (BRULON, 2018, p. 200, aspas no original)

Todas as etapas que envolvem o processo de musealização acabam incluindo ao objeto uma variedade de olhares e questionamentos. Estimamos, aqui, que o olhar interrogativo inicial lançado aos objetos seria, na verdade, uma primeira etapa da transformação dos mesmos em documento. Um determinado objeto só se torna bem cultural quando o sujeito ou coletivo assim o determina e o valoriza de modo diferenciado, atribuindo ao bem cultural, de forma voluntária, valores (CHAGAS, 1994b). O documento pode ser entendido como suporte ou mediador de informação, porque a informação não emana dos objetos/documentos que são preservados, mas temos acesso a ela, como mencionado acima, a partir de questionamentos lançados aos objetos. “O ensinamento, como se sabe, não emana e não está embutido no documento. Ele está, brota e surge a partir da relação que com o documento/testemunho se pode manter” (CHAGAS, 1994b, p. 34), isso porque os objetos não falam, não são ventríloquos, como aponta Bragança Gil (1988), nem são limões dos quais podemos tirar o suco, metáfora utilizada por Meneses (1998).

A partir da ideia de objeto-documento, podemos pensar na carga informativa que esses objetos possuem ou que lhe são atribuídas. Nessa linha, Ulpiano Bezerra de Meneses (1998) afirma que os objetos trazem consigo muitas informações, possuem uma biografia, uma trajetória, uma história de vida, dizem muito, mas não falam, ideia baseada em conceitos e estudos anteriores ao autor, principalmente no trabalho de Igor Kopytoff (2008).

Ulpiano destaca que, apesar desse caráter informativo e documental que os objetos possuem, é preciso tomar cuidado ao estudá-los, pois os objetos não falam por si só, quem fala por eles é o pesquisador responsável por sua interpretação, a partir das indagações lançadas, que lhes atribuem funções, sentidos, significados e valores. A ênfase do autor a essa questão é importante na medida em que muitos pesquisadores acabam por se esquecer desse aspecto e atribuem ao objeto, mudo por

natureza, uma fala que, na realidade, é do pesquisador. Podemos relacionar essa ideia aos objetos e coleções que fazem parte dos museus, que trazem consigo uma história, uma biografia, dizem muito; contudo não falam, uma vez que são os profissionais, que atuam nos museus, que ficam responsáveis por lhes atribuir significados e valores.

Meneses (1998) complementa sobre a reflexão mencionada:

Deve-se notar que essas funções novas não alteram uma qualidade fundamental do artefato: ele não mente. A integridade física do artefato corresponde sua verdade objetiva. Os discursos sobre o artefato é que podem ser falsos. (MENESES, 1998, p. 91-92)

Poulout (2013) ainda diz que os objetos de museus podem ganhar um novo significado e denominações, dependendo muito de quem é responsável por possuí-los, expô-los, ou emprestá-los. Em outros termos, os objetos possuem uma trajetória de vida, trazem consigo uma biografia, mas são as pessoas, nesse caso, aquelas que os detêm, nas instituições, que ficam responsáveis por atribuí-lhes sentido. Podemos dizer, então, que, ao fazerem parte dos museus, os objetos são colocados a serviço dos significados a eles atribuídos, cabendo aos profissionais de museus garantirem ao público o direito à memória, à história e à educação (GAURYSZEWSKI; ALEIXO; ARAÚJO, 2010).

Para vermos os objetos como documentos que fazem parte dos museus, é preciso conhecer mais a fundo os objetos que compõem suas coleções e seus acervos. Parece algo simples, mas é uma atividade complexa e que requer atenção. Por inúmeras razões, em muitos museus se desconhece a história de grande parte de seus acervos, uma realidade presente tanto em museus menores, de cidades interioranas, como também nos grandes museus mundiais, localizados em grandes centros. O desconhecimento das biografias e das trajetórias das peças ali preservadas pode ser extremamente danoso à instituição, principalmente ao considerarmos que elas estão ali para serem lembradas e servirem como documentos. Nesse contexto, muitos museus correm o risco de acabarem preservando corpos sem almas.

Obviamente que conhecer cem por cento de todos os objetos inventariados em museus que possuem mais de mil artefatos parece algo utópico e difícil de alcançar. Mas a questão que apontamos nesse texto é no quão problemático pode ser para um museu deixar esse fator “conhecer seu acervo” em segundo, terceiro ou quarto plano em suas atividades. O caminho “sombrio” do desconhecimento resulta na perda de uma série de possibilidades de preservação, comunicação e educação através do acervo. Sabemos que os museus contemporâneos não devem mais se contentar somente em apresentar exposições contemplativas (embora esse tenha sido o pensamento de muitos museus ao longo da história), ao contrário, elas devem ser informativas, de caráter democrático e buscando colaborar para os questionamentos sociais, culturais e econômicos atuais. Essa segunda escolha possibilita uma maior

interação e diálogo entre público-objeto-museu, uma vez que, na contemporaneidade, as pessoas são a razão de existência dos museus (leiam-se protagonistas).

Para sanar o desconhecimento, é preciso traçar uma biografia dos objetos, conceito apresentado pelo antropólogo Igor Kopytoff (2008), em seu trabalho *“A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo”*. A ideia básica defendida por Kopytoff era a de que os objetos, assim como as pessoas, também têm uma trajetória de vida que deve ser estudada pelos pesquisadores, pois “examinar as biografias das coisas pode dar grande realce a facetas que de outra forma seriam ignoradas” (KOPYTOFF, 2008, p. 93).

Sendo assim, ao traçar a biografia cultural dos museália⁷, uma rede de sujeitos, memórias, lugares e significados aparecerão, fazendo ressurgir uma imaterialidade de simbolismos, muitos dos quais foram essenciais para que esses objetos chegassem até o museu. Para fazer a biografia dos objetos, Igor Kopytoff indica que

[...] ao fazer a biografia de uma coisa, far-se-iam perguntas similares às que se fazem às pessoas: Quais são, sociologicamente, as possibilidades biográficas inerentes a esse “status”, e à época e à cultura, e como se concretizam essas possibilidades? De onde vem a coisa, e quem a fabricou? Qual foi a sua carreira até aqui, e qual é a carreira que as pessoas consideram ideal para esse tipo de coisa? Quais são as “idades” ou fases da “vida” reconhecidas de uma coisa, e quais são os mercados culturais para elas? Como mudam os usos da coisa conforme ela fica mais velha, e o que lhe acontece quando a sua utilidade chega ao fim? (KOPYTOFF, 2008, p. 92, aspas no original)

Ao responder a essas perguntas, a instituição pode conhecer o que a materialidade por si só não diz (na medida em que não são ventríloquos) e, a partir de então, conhecer, de fato, seu acervo. O conceito proposto por Kopytoff foi amplamente difundido e utilizado por profissionais da área da História, Antropologia e Museologia, que complementam seu uso e a aplicação. É o caso do arqueólogo e historiador Ulpiano B. de Meneses, autor que defende que “para traçar e explicar as biografias dos objetos é necessário examiná-los ‘em situação’ nas diversas modalidades e efeitos das apropriações de que foram parte” (MENESES, 1998, p. 92, aspas no original).

Portanto, o objetivo de traçar uma biografia dos objetos não é simplesmente conhecer mais sobre sua materialidade, mas, justamente, entender a dinâmica da vida desse objeto em sua imaterialidade, conhecendo o papel dos objetos na vida dos sujeitos e na interação social, uma vez que os objetos são atores sociais, no entendimento de Gell (1998⁸ *apud* GOSDEN; MARSHALL, 1999, p.

⁷ Termo proposto por Stránský, em 1970, para referir-se aos objetos de museus, ou seja, “para designar as coisas que passam pela operação de musealização e que podem, assim, possuir o estatuto de objetos de museu” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2014, p. 57).

⁸ GELL, Alfred. **Art and Agency: An Anthropological Theory**. Oxford: Clarendon Press, 1998.

174): “Na medida em que constroem e influenciam o campo da ação social de maneiras que não ocorreriam se não existissem.”⁹

Essa também é a ideia defendida pelo antropólogo José Reginaldo Gonçalves, sobre a importância de compreender a vida dos objetos nos vários espaços em que circularam, pois

[...] acompanhar o deslocamento dos objetos ao longo das fronteiras que delimitam esse contexto é em grande parte entender a própria dinâmica da vida social e cultural, seus conflitos, ambiguidades e paradoxos, assim como seus efeitos na subjetividade individual e coletiva. (GONÇALVES, 2007, p. 15)

Meneses (1998), ao utilizar o conceito de Kopytoff para pensar na biografia dos objetos e no papel de testemunho que eles têm dentro dos museus, aprofunda um pouco mais a discussão ao proporcionar outra problemática: a biografia das pessoas nos objetos. Nesse caso, os objetos musealizados, estejam eles expostos ou armazenados nas reservas técnicas, são pontes para sujeitos e outros objetos (isso porque os objetos estão imersos numa complexa rede de relações simbólicas). Essa ponte é essencial para a compreensão da relação simbólica e afetiva que os objetos têm na vida das pessoas. Conforme dito anteriormente, toda a carga documental, simbólica e memorial que um objeto carrega só existe a partir de um reconhecimento feito pelos sujeitos, uma vez que todas essas características que definem os objetos são meras atribuições nossas.

O que veremos nos dois casos aqui estudados são exemplos dessa forte relação entre pessoas e objetos. Observaremos que esses últimos ajudam as pessoas a afirmarem memórias e identidades individuais e sociais. Em outros termos, de formas e momentos diferentes, as pessoas aqui analisadas, ao se relacionarem com os objetos expostos nesses dois museus, criam conexões com o invisível, narrando, desse modo, suas e outras histórias de vida.

3. O Museu Gruppelli

O Museu Gruppelli (MG) fica localizado na zona rural, no 7º distrito da cidade de Pelotas, situada no sul do Rio Grande do Sul, Brasil, e foi inaugurado em outubro de 1998, por iniciativa da comunidade local. Ele se apresenta como “um espaço de exposição e guarda de objetos que traduzem a ‘vida na colônia’, ou seja, as dinâmicas sociais de uma comunidade identificada pelas origens e trajetória imigrante” (FERREIRA; GASTAUD; RIBEIRO, 2013, p. 58, aspas no original). (Ver figura 1 e 2).

⁹ “*In that they construct and influence the field of social action in ways which would not occur if they did not exist.*”



Figura 1 – Fotografia do Museu Gruppelli.
Fonte: José Paulo Brahm, 2018.



Figura 2 – Fotografia do Museu Gruppelli em contexto com a paisagem.
Fonte: José Paulo Brahm, 2018.

O acervo do Museu foi reunido através da coleta e de doações feitas por moradores da região, capitaneados pela família Gruppelli, cujo objetivo era reunir referências do patrimônio rural que fossem significativas para a população circunvizinha. O contato com a comunidade local sempre foi mediado pela família, mas com uma visão comunitária aglutinadora.

Para Paulo Ricardo Gruppelli¹⁰, a ideia da criação do Museu surgiu devido a muitas pessoas que vinham lembrar sua infância na colônia, como no caso de parentes, vizinhos e veranistas. A maioria dos objetos que faz parte do Museu já se encontrava na casa em que ele se situa hoje. Com o decorrer do tempo, o número de objetos salvaguardados foi aumentando gradativamente, seja por doação da própria família Gruppelli, ou mesmo por iniciativa de moradores locais que tiveram despertado o interesse em preservar as memórias do cotidiano dessa região.

Como a colônia é de uma fundação bem antiga, o pessoal despertou, valorizou. O pessoal olhava uma peça no Museu, uma enxada velha lá: “sabe que eu tenho um enxadão lá que pode servir pro Museu”; então, despertou esse resgate. Muita gente recolheu coisas que estavam atiradas no galpão, acondicionou melhor para preservar: despertou a ideia de preservação. (GRUPPELLI, 2016, informação verbal) ¹¹

É importante mencionar que esses objetos, pelo menos do ponto de vista utilitário, eram pouco valorados por aqueles atores-sociais; porém, o olhar lançado sobre os objetos foi para além do valor utilitário, com a intenção de preservá-los e difundi-los, por entenderem que esses objetos eram importantes registros mnemônicos e identitárias de suas histórias e da própria história da zona rural. Nesse momento, muitos desses objetos que se encontravam em final de existência ganharam uma segunda chance, uma “segunda vida” (DEBARY, 2010), em outras palavras, uma vida patrimonial. Eles encontram, no Museu, um novo futuro, uma nova casa, uma nova utilidade, incorporando novas histórias e funções, como já elucidado na introdução deste artigo.

Em 2008, no 10º aniversário do Museu, a comunidade observou a necessidade de revitalizar o espaço museal. Percebeu-se que, se por um lado havia uma acentuada percepção do potencial patrimonial do espaço, por outro, o Museu padecia pela ausência de um olhar técnico-científico. Em outros termos, havia uma tácita percepção de que o Museu não havia amadurecido em termos de ações museológicas, apesar de sua significância para as memórias locais. A comunidade, então, solicitou apoio técnico à Universidade Federal de Pelotas (UFPel), por intermédio do Curso de Bacharelado em Museologia, objetivando melhor manutenção e gerenciamento das coleções. Foi nesse contexto, levando

¹⁰ Paulo Ricardo Gruppelli, 52 anos é comerciante. Membro da família Gruppelli, é um dos fundadores do Museu Gruppelli e um dos principais agenciadores culturais do local.

¹¹ Entrevista de Paulo Ricardo Gruppelli, em 05 de junho de 2016. Pelotas/RS.

em consideração a importância patrimonial e turística do sítio, que surgiu o Projeto Revitalização do Museu Gruppelli.

Diversas ações foram feitas desde 2008 até o momento, no Museu. Uma delas é a própria qualificação da exposição, que ampliou o potencial comunicativo, a exemplo da iluminação, do rearranjo dos objetos em nichos temáticos (trabalho rural, cozinha, esporte, vinho etc.) e a própria coleta de depoimentos, que subsidia todas as etapas de revitalização. Os processos de comunicação ocupam lugar de destaque, atualmente, no Museu, plasmados em exposição de longa duração, exposições temporárias e no próprio diálogo travado com os moradores locais. A última exposição temporária foi sobre a enchente que a comunidade sofreu em 2016. Essas exposições temporárias temáticas são construídas com a participação de parcela da comunidade local, como no caso da exposição da costura¹² e do futebol. A última exposição temporária foi sobre a enchente que assolou a comunidade e o Museu em março de 2016. Para a elaboração desta exposição, também se buscou trabalhar com a comunidade local para interpretar como essa enchente atrapalhou não somente o Museu, mas a própria vida das pessoas que vivem nesse local.¹³

Como mencionado, os nichos temáticos foram elaborados com a intenção de conectar os objetos dentro de arranjos temáticos para provê-los de mais sentido em conexão. É no nicho “trabalho rural” que um dos objetos centrais deste artigo, a carroça, se encontra.

4. O Museu da cidade do Rio Grande

O Museu da Cidade do Rio Grande (MCRG) está localizado na cidade que leva seu nome, no sul do Rio Grande do Sul, cerca de 320 quilômetros da capital Porto Alegre. O MCRG é um museu privado, fundado e mantido pela Fundação Cidade do Rio Grande, desde 1984, e possui duas coleções: histórica e arte sacra. Seu acervo é composto de objetos tridimensionais, fotografias e documentos que contam parte da história local, testemunhos da vida cotidiana, do lazer e do trabalho da vida dos rio-grandinos.

Em 2009, o Museu obteve aprovação no projeto Readequação Espacial e Expografia do Museu da Cidade do Rio Grande junto ao Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES), começando as obras em 2014. O projeto proporcionou uma nova estrutura, tanto na Coleção Histórica quanto na Coleção Arte Sacra, já que estão localizadas em prédios diferentes: a primeira na Capela São Francisco de Assis e a segunda no Prédio da Alfândega. Em 2015, foi inaugurada a Coleção Arte Sacra, apresentando

¹² A exposição da costura, intitulada “Costurando a Memória”, realizada em 2012, teve como objetivo representar os modos de vida na zona rural por intermédio do ofício da costura, que vem se perdendo gradativamente. Para contextualizar o tema, coletamos depoimentos e vivências com antigas costureiras da região.

¹³ Esse assunto foi abordado em artigo intitulado: “Concepção, montagem e avaliação da exposição temporária a vida efêmera dos objetos: um olhar pós-enchente no Museu Gruppelli, Pelotas/RS”, no XV Seminário de História da Arte da Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/11542/7383>. Acesso em: 23 jul. 2017.

para a sociedade uma exposição toda repaginada, contando com ferramentas de acessibilidade para pessoas com deficiência motora, nesse caso em especial para cadeirantes. (Ver figura 3).



Figura 3 – Coleção Histórica – Museu da Cidade do Rio Grande
Fonte: Museu da Cidade do Rio Grande, sem data.

A Coleção Histórica foi reinaugurada em 2016, apresentando inovações ainda maiores para a população local, contando também com acessibilidade para cadeirantes e pessoas com deficiências visuais. A reinauguração das coleções foi um grande ganho para a cidade, principalmente no que tange à Coleção Histórica, que não expunha seu acervo desde 2008. Assim, desde então, o Museu conta com um número significativo de visitantes, que através das exposições podem conhecer um pouco mais sobre a história da cidade do Rio Grande. Além das exposições de longa duração e temporária, o MCRG também realiza atividades de ações educativas, exposições itinerantes e eventos como palestras e oficinas.

O acervo do Museu retrata, de maneira geral, a vida e os costumes de grupos com alto e médio poder aquisitivo (ANJOS, 2012), principalmente da rotina urbana de Rio Grande, no período áureo cultural e industrial da cidade do final do século XIX até a metade do século XX. No final do século XIX, “a cidade constituía-se no maior parque industrial do Rio Grande do Sul. Em algumas décadas transformou-se de centro comercial em significativo polo industrial” (BITTENCOURT, 1999, p. 34). A

instalação dessas indústrias na cidade aconteceu pela proximidade de um porto de grande movimentação e capacidade de exportação. Dentre elas, podemos citar a Fábrica têxtil Rheingantz (1873), a Fábrica Leal Santos & Cia. (1889), a Fábrica de Charutos Poock (1891) e a Fábrica de Tecidos Ítalo Brasileira (1894), todas essas no final do século XIX e fundadas por imigrantes (TORRES, 2008, p. 16). (Ver figura 4).



Figura 4 – Indústrias e comércio na cidade do Rio Grande
Fonte: Museu da Cidade do Rio Grande, sem data.

A presença de imigrantes no setor industrial e comercial, somada ao contexto nacional, possibilitou que os moradores locais tivessem acesso aos produtos cobiçados durante a “*Belle Époque*” brasileira, período cujos costumes europeus eram referência de modernidade e bom gosto. Nesse caso, aumentam o consumo de bens ligados à alimentação e indumentária que serviam como distinção social (BOURDIEU, 2007).

A valorização social começara a fazer-se em volta de outros elementos: em torno da Europa, mas uma Europa burguesa, de onde nos foram chegando novos estilos de vida, contrários aos rurais e mesmo aos patriarcais: o chá, o governo de gabinete, a cerveja inglesa, a botina Clark, o biscoito de lata. (FREYRE, 2013, p. 446)

Luvas, leques, cartolas, bengalas são algumas das peças utilizadas no período e que hoje compõem o acervo do Museu. Alguns são representantes da ascensão industrial e da Belle Époque tropical, outros, como é o caso do aqui apresentado, ultrapassam tal característica.

5. A biografia dos objetos

Tendo apresentado o universo museal, que é cenário e abrigo dos objetos estudados, apresentaremos e discutiremos a biografia dos dois objetos centrais deste artigo, a carroça, que faz parte do acervo do Museu Gruppelli, e o leque, do acervo do Museu da Cidade de Rio Grande.

5.1 A carroça

A carroça é datada de 1951. Segundo Helton Vah Holtz (2016)¹⁴, a carroça foi puxada, inicialmente, por cavalos, sendo substituídos por bois. Ela pertenceu, inicialmente, a Adolfo Weber. Inclusive, após sua morte, seu caixão foi levado até o cemitério na carroça. Posteriormente, foi usada por seu filho, Rodolfo Weber, que a utilizou durante todo o período em que residiu na colônia, deixando-a em desuso após se mudar para a cidade. Era usada para o trabalho no campo e para levar suprimentos da colônia para a cidade, como lenha, carvão e batata. Também, foi usada para passeio, sobretudo de parentes.

Importa destacar que a carroça tem relação com outros objetos do Museu Gruppelli, como o picador de pasto e a foice. Os relatos coletados no Museu indicam que era comum o hábito de trazer o pasto, cortado com a foice, na carroça, para ser posteriormente picado na máquina. O entrevistado destaca que, para possuir a carroça, era preciso pagar seu imposto anual junto à prefeitura. Ainda, de acordo com o entrevistado, ter uma carroça nesse período era como possuir um carro novo nos dias de hoje, tamanho valor que a ela era atribuído.

Cláudia Eliane Weber (2016)¹⁵ reforça que seu pai utilizou a carroça para trabalho (carregar lenha e batata), bem como para passeio. Ela lembra, ainda, que também a empregou para trabalho no campo, até ser substituída por trator. Logo após, acabou doando-a ao Museu Gruppelli, doação que teria ocorrido em 2002. Ainda, para a entrevistada, esse objeto lhe traz saudade ao ser observado, por fazê-la lembrar-se de seu avô e seu pai.

Na parte interna da carroça, podemos observar uma mensagem que diz: “este é o mandão das cargas”. De acordo com Cláudia Weber (2016), ela foi escrita por seu irmão mais velho, Leomar Weber: “E aí, em dia de chuva, nós estava no galpão, e ele inventou que queria escrever alguma coisa na carroça,

¹⁴ Helton Val Holtz, 53 anos, é agricultor e marido de Cláudia Eliane Weber. Cláudia é neta do primeiro dono da carroça, Adolfo Weber.

¹⁵ Cláudia Eliane Weber, 38 anos, é agricultora. É esposa de Helton Holtz e neta de Adolfo Weber. Os antigos donos da carroça foram convidados pelos membros do projeto de Extensão Revitalização do Museu Gruppelli, em 2016, para participarem da entrevista. Desde 2015, o projeto vem intensificando seus esforços em entrevistar os usuários anteriores dos objetos. A intenção é conseguir recuperar a biografia dos objetos que fazem parte do acervo. O roteiro de entrevista utilizado é semiestruturado abordando questões abertas e fechadas. As entrevistas são realizadas no próprio Museu. Estima-se que a relação museal sujeito-objeto seja mais intensa no momento em que ambos são colocados em interação.

e relacionou o mandão como ele era a carroça. Ficou a marca registrada dele ali” (WEBER, 2016, informação verbal).¹⁶

Ou seja, é importante destacar que esse registro na carroça faz parte de sua história. Apagá-lo, seja por qual técnica for, seria o mesmo que esquecer uma parte importante de sua trajetória de vida e que nunca mais poderia ser recuperada; seria o mesmo que construir um “falso histórico” (BRANDI, 2004). Ainda, de acordo com Paulo Ricardo Gruppelli, inicialmente, a ideia era que ela ficasse embaixo de uma choupana em frente ao Museu, porém, acabou sendo colocada no interior do espaço museal, lugar em que permanece até hoje. (Ver figura 5 e 6).

Figura 5 – Fotografia da carroça no Museu Gruppelli
Fonte: José Paulo Brahm, 2016.



Figura 6 – Fotografia da carroça em uso¹⁷
Fonte: Museu da Imigração Pomerana, sem data.

¹⁶ Entrevista de Cláudia Eliana Weber, em 20 de novembro de 2016. Pelotas/RS.

¹⁷ A carroça que está presente nessa fotografia não é referente à que se encontra em exposição no Museu Gruppelli. A fotografia utilizada neste artigo é para demonstrar o uso diário ou praticamente, da carroça pelos moradores da zona rural.

5.2 O Leque

O Museu da Cidade do Rio Grande possui vários leques em seu acervo. Dos mais variados tipos, cores, materiais e períodos, eles cativam os olhares. Apesar de algumas semelhanças entre si, cada leque possui uma história única, assim como cada objeto ali salvaguardado. O leque, ou os leques, sobre o qual nos deteremos nesse artigo, pertencia a uma professora particular de francês da cidade de Rio Grande que lecionou a língua de *Molière* por mais de setenta anos: Lyuba Duprat. Os leques de Lyuba foram doados, assim como outros objetos que eram seus, por seu inventariante, ex-aluno e também entrevistado, Ricardo Soler, um ano após o falecimento da professora.

Alice Lyuba Duprat (1900-1994, Rio Grande) era filha de Augusto Duprat, médico renomado na região, que, aos doze anos de idade, foi enviada para a França para realizar seus estudos. Neta de franceses, Lyuba Duprat estreitou e fortaleceu os laços com a França, principalmente Paris, e, ao retornar para o Brasil, em 1916, em decorrência da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), iniciou a vida docente ao lecionar francês para algumas pessoas. Desde então até os últimos dias de sua vida, Lyuba Duprat dedicou toda sua existência para a língua francesa e para a história da arte, tornando-se uma referência regional e também em outros estados, como no Rio de Janeiro¹⁸, como professora particular de francês e história da arte.

Em sua cidade natal era recorrentemente confundida com uma francesa legítima: a maioria da população acreditava que ela era uma francesa que estava morando em Rio Grande. Essa associação não era resultado apenas do domínio pleno da língua e pelo sobrenome que carregava, mas, principalmente, em decorrência de seu modo de vestir, andar e falar. Um conjunto de objetos, principalmente da indumentária, faziam-na compor a legítima francesa: *voilette*, luvas, sombrinha e o leque. Para Nery (2015), “esse conjunto de objetos utilizados por Lyuba, e que se fixaram como representação de sua pessoa social, remetem ao que Sant’anna (2013) salienta como aspecto de elegância, beleza e distinção” (NERY, 2015, p. 93).

O aspecto de “francesidade”, bem como de elegância e destaque a que Lyuba Duprat era associada podem ser atestados através do trecho abaixo, publicado no Jornal *O Peixeiro* em homenagem ao aniversário da professora:

[...] os que resistiram ou transitaram por Rio Grande até 1994 **têm certamente presente na memória a figura vestida com *tailleur* negro, luvas, saltos altos e a inseparável *voilette* (pequeno véu) sobre os olhos.** Conhecida não apenas por ser filha do Dr. Augusto Duprat, pediatra de renome na cidade, mas, principalmente, pela sua personalidade marcante, Lyuba Duprat era tão feminina quanto culta, aspectos que pareciam dissociados numa época que era quase impossível a existência de uma mulher “liberada”. (HANCIAU, 25/06/2000 – negrito nosso, aspas no original)

¹⁸ Lyuba Duprat lecionou durante alguns anos na cidade do Rio de Janeiro, preparando, principalmente, aqueles que queriam seguir a carreira diplomática.



Figura 7 – Lyuba Duprat.

Fonte: Site Genealogia Velasquez, sem data. Disponível em: <http://genealogiavazquez.blogspot.com/2008/03/aporte-la-genealogia-brasilea-de.html>. Acessado em nov. de 2020.

Nubia Hanciau (2000) salienta como Lyuba era lembrada pelos rio-grandinos e transeuntes da cidade portuária. Apesar do leque não estar destacado no texto, podemos relacioná-lo a estes objetos que juntos formam um conjunto de objetos que Erving Goffman caracteriza como pertencentes a uma fachada pessoal (GOFFMAN, 1985). Nesse caso, os objetos da indumentária mostram-se importantes para a construção da personalidade de Lyuba. Michelle Perrot faz uma análise sobre a importância da roupa na memória e na construção da personalidade feminina. Segundo ela,

[...] uma luva, um lenço, são para ela relíquias das quais só ela sabe o preço. A monotonia dos anos se diferencia pela toalette que fixa também a representação dos acontecimentos que fazem bater o coração: “Naquele dia eu usava...” ela diria. A memória das mulheres é uma memória trajada. A vestimenta é a sua segunda pele, a única da qual se ousa falar, ou ao menos sonhar. A importância das aparências faz com que as mulheres sejam mais atentas ao seu léxico. O máximo que elas podem se permitir é o rosto do outro. (PERROT, 1989, p. 14)

Portanto, esses objetos eram imprescindíveis na construção da identidade da professora. Eles representam a forma como ela se apresentava para o mundo, suas referências familiares, seu estilo de vida. Além disso, esses objetos tornam-se grandes mediadores de memórias sobre Lyuba Duprat, principalmente após seu falecimento. Na pesquisa de dissertação de mestrado, sobre a relação entre objetos e memória, tendo como ponto de partida os objetos de Lyuba, os ex-alunos que foram entrevistados¹⁹ demonstraram a forte capacidade memorial que esses objetos têm ao construírem suas narrativas e memórias a partir deles.

Em outros termos, os objetos, a partir da relação travada com os sujeitos, funcionam como mediadores de memória ou “fios de memória”²⁰, no entendimento de Brahm (2017):

[...] ao desfiarem esse novelo, mediatizados pelos objetos, possibilitam conectar em uma mesma rede evocação de memórias individuais e partilhadas, aproximando pessoas e lugares, muitas vezes, ausentes. Os objetos são fios de memórias que possibilitam ao público desenrolar suas memórias, tecendo suas biografias, ao mesmo tempo em que constroem sua própria identidade individual e social (BRAHM, 2017, p. 71).

O referido autor menciona, ainda, algo que para este artigo nos parece pertinente ponderar: o fato de que, embora fixemos memórias nos objetos, elas não se encontram neles, mas, sim, nas pessoas. Em outros termos, essas memórias seriam evocadas e afirmadas na relação travada entre sujeitos e objetos. Isso pode ser observado em relação ao leque, ou os leques, que Lyuba (no caso da carroça, tal análise é equivalente) utilizava ou guardava em sua casa (local onde lecionava) quando foram diversas vezes evocados pelos entrevistados.



Figura 8 – Leques.

Fonte: Museu da Cidade do Rio Grande, sem data.

¹⁹ As entrevistas foram realizadas com um grupo específico de pessoas, composto por sete ex-alunos da professora Lyuba, no formato semiestruturado com a metodologia de História Oral. Cada entrevista foi dividida em dois momentos: um de narrativa livre, com perguntas guia sobre a professora e relação do entrevistado com ela e, num segundo momento, foram apresentadas as fotografias dos objetos de Lyuba Duprat que fazem parte do acervo do Museu da Cidade do Rio Grande. Essa segunda fala era mediada pela visualização bidimensional dos objetos.

²⁰ De acordo com o autor, essa expressão é, também, utilizada pelas autoras Helena Silveira e Adriana Kortlandt (2010), em seu livro “Fios de memória um guia para escrever de si.” Na obra, as autoras buscam estimular a interação entre o leitor e as palavras, para começarmos a narrar quem somos para dar voz a nós mesmos. Para saber mais, ver: SILVEIRA, Helena; KORTLANDT, Adriana. **Fios de memória: um guia para escrever de si.** Brasília: Thesaurus, 2010.

Ao ver essas fotografias (Figura 8), os ex-alunos, Tabajara, Berenice e Regina, lembram-se de algumas coisas. Tabajara (2014, informação verbal)²¹ diz: “Ah, sim, isso sim a gente viu ela usar... o leque... é Paris, *Belle Époque*...”, período marcado pela influência francesa. Dessa forma, novamente a referência à França torna a aparecer nas lembranças dos objetos. Já Berenice Avancini, Regina Dolci e Flavio Hanciau lembram de outros fatos sobre os leques. Berenice (2013, informação verbal)²² narra: “Isso aqui tudo ela tinha na sala, numa vitrine. Na sala, o armário todo envidraçado ela chamava de vitrine e ela colocava todos os objetos que ela tinha, que pertenceram à família, ou que foi da mãe, das irmãs, dela também”. Regina (2014, informação verbal) rememora um fato parecido, apesar de não dar uma precisão exata sobre os leques: “[...] o leque! Ela tinha um leque que ficava exposto [...] acho que ficava em cima do que ela chamava *étagère* [...]”²³. A mesma informação é compartilhada por Flavio Hanciau, quando lembra que:

[...] Nessa vitrine ela tinha um número grande de exposição de leques, não era para uso do dia a dia, mas para ornamentar a sala. Não a sala que recebia os alunos, mas na sala central da casa dela aquela peça mais escura que ela muito raramente convidava para ir ali, onde tinham as fotografias do pai e da família, e tinha uma cristaleira que tinham vários. E me lembro de outros, de todos os formatos.²⁴

As lembranças sobre os leques e demais objetos, expostos em uma espécie de cristaleira, faz-nos lembrar da relação entre as mulheres e seus objetos, trazida por Michelle Perrot:

[...] as mulheres se dedicam à matéria mais humilde: à roupa e aos objetos, bugigangas, presentes recebidos por ocasião de um aniversário ou de uma festa, bibelôs trazidos de uma viagem ou de uma excursão, “mil nada” povoam as cristaleiras, pequenos museus da lembrança feminina. As mulheres têm paixão pelos pequenos museus da lembrança feminina. As mulheres têm paixão pelos seus porta-jóias, caixas e medalhões onde encerram seus tesouros: mechas de cabelo, jóias de família, miniaturas que, antes da fotografia, permitem aprisionar o rosto do amado. Mais tarde, fotografias individuais ou de família, em porta-retratos ou álbuns, esses herbários da lembrança, alimenta uma nostalgia indefinidamente declinada. Álbuns de desenhos ou de cartões-postais memorizam as viagens. (PERROT, 1989, p. 13)

A fala dos entrevistados é sempre norteadada pelos aspectos da rotina e pelas características de Lyuba Duprat e não meramente sobre sua funcionalidade. Essa teoria é apresentada por Alessandra Micalizzi (2012), quando advoga que os objetos nos possibilitam criar conexões para além do uso a que eles se destinam, conexões memoriais que não ficam restritas apenas em sua função, mas possibilitam

²¹ Entrevista Tabajara Lucas Almeida realizada através do programa *Skype* (conversa *online*), em 18 de fevereiro de 2014, nas cidades de Porto Alegre e Rio Grande/RS.

²² Entrevista de Berenice Heloísa Avancini, em 03 de dezembro de 2013. Rio Grande/RS.

²³ Entrevista de Regina Carmem Dolci, em 18 de dezembro de 2014. Rio Grande, RS.

²⁴ Entrevista de Flavio Hanciau, em 12 de janeiro de 2015. Rio Grande, RS.

que aprisionemos as emoções e memórias aos objetos, “objetificando a memória” (MICALIZZI, 2012, p. 3, tradução nossa).

Atualmente, após passados mais de vinte anos da morte de Lyuba Duprat, ela é lembrada pelos que a conheceram a partir dos objetos que ela utilizava, que vestia e carregava. Os leques, assim como outros objetos, cumprem seu papel de mediadores e suportes de memória, emoção e identidade; e, no museu, ganham uma nova oportunidade de vida, uma segunda chance. Dentro da instituição ainda não foram incluídos na exposição de longa duração ou temporária, mas outros objetos da professora já podem ser vistos pelo público. Entretanto, apesar de não estarem ainda em exposição, o conhecimento sobre suas histórias, memórias e narrativas é essencial para o cumprimento das funções preservacionistas do museu.

6. Considerações finais

Antes de finalizarmos este artigo, é necessário voltarmos à indagação inicial trazida anteriormente: como esses dois objetos tão diferentes um do outro, o primeiro representante de uma vida rural e o segundo uma urbana e elegante, podem contribuir para pensarmos o papel dos objetos dentro das instituições museológicas?

A primeira relação que podemos estabelecer entre ambos, como já mencionado, é o fato de que, assim como as pessoas, os objetos também possuem uma biografia. Miranda, baseado em Thierry Bonnot, sustenta essa afirmação ao dizer que:

[...] as coisas, como as pessoas, possuem vidas sociais, que, no caso daquelas, começam como simples mercadoria, destinada a circulação, passando depois por sucessivas singularizações, que, esvaziando-as de sua funcionalidade, as transformam, primeiramente, em objetos de conservação, posteriormente em objetos de colecionamento e, em certos casos até, de patrimonialização. (MIRANDA, 2012, p. 76)

Porém, é válido considerar que, apesar dos dois objetos terem uma biografia, elas não se repetem. Cada objeto tem uma biografia única e insubstituível, as quais também não se encerram quando os objetos se tornam museália, pelo contrário, continuam sendo alimentadas pelo processo de musealização.

A partir do depoimento dos entrevistados, é possível compreender a complexidade que envolve a vida dos objetos e sua biografia. Conhecer a história dos objetos que salvagam e comunicam é fundamental para que os museus funcionem a contento. Estimamos que, ao conhecer a biografia de seus objetos, as instituições museológicas consigam salvaguardar não somente a materialidade dos objetos, mas toda sua carga imaterial que é tão, ou mais, importante do que a materialidade.

Além disso, é preciso destacar que, a partir desse “abrir de cortinas” da vida e da trajetória dos objetos, os museus são capazes de criar conexões com outros objetos e acontecimentos, abrindo a possibilidade de disponibilizar tais informações aos visitantes, por meio de suas diversas ferramentas comunicacionais. Assim, o leque e a carroça deixam de ser apenas “mais um leque e carroça” e passam a estar associados às suas histórias e memórias e aos respectivos sujeitos, respeitando, assim, seu passado.

A segunda relação estabelecida é que ambos os objetos (carroça e leque) funcionam como semióforos, no entendimento de Pomian (1997), na medida em que conectam o visível ao invisível, criam conexões com pessoas, tempos e lugares distantes do olhar, que se presentificam simbolicamente. Ao observar este processo mnemônico, verificamos que esses objetos levam os entrevistados a criarem conexões com o ausente, a convocarem ao presente o passado, e a tecerem em uma mesma rede objetos, pessoas, lugares, mundos e tempos difusos. Em outras palavras, a morte dá lugar à vida.

Uma terceira analogia possível de ser estabelecida está na relação social entre objetos e sujeitos. Como fragmentos da vida social, os objetos não existem isoladamente, pelo contrário, se complementam na relação com os sujeitos. Em consonância com o que afirmam Gonçalves, Guimarães e Bitar (2013), compreendemos que os objetos, especialmente a carroça e o leque, são construídos pelas pessoas (no caso, pelos entrevistados, seja pelo contato direto ou indireto²⁵ que tiveram com esses), que contam suas histórias de vida, dizem quem são, lhes atribuem significados, funções, valores, memórias; ao mesmo tempo em que as pessoas são construídas pelos objetos, os quais dizem quem fomos ou somos, e ajudam a contar ou narrar nossa biografia, como molduras em que as memórias e identidades são forjadas e fixadas. Eles funcionam como espelhos (nem sempre imagens reais) que refletem seus usuários (quem somos e quem queremos ser), ou seja, sujeito e objeto estão sempre em um constante ato relacional.

Pedro Andrade (2005, p. 210) completa esse pensamento, ao dizer que:

Em resumo, para entender o valor dos objetos, sejam eles únicos ou em série, gozando de uma vida plena de utilizações e imbuída de aspectos sócio-simbólicos ou encontrando-se integrados numa coleção, é preciso insistir nesta convicção referida supra: os objectos apresentam, simultaneamente, uma biografia individual e uma genealogia colectiva. Numa tal perspectiva, assemelham-se profundamente aos objetos, embora ostentem outro nome. Ou seja, se os objectos se revelam como inscrições dos sujeitos, também os sujeitos apresentam-se enquanto traços dos objetos. Assim sendo, as colecções de objectos são ora colecções de sujeitos escritos ou objectivados, ora grupos de objectos que, por vezes constroem o seu próprio (e o nosso) trajecto de vida sócio-cultural, sem que os actores sociais sempre se dêem conta disso. Os objectos colecionam-nos tanto quanto nós os colecionamos.

²⁵ Os entrevistados não utilizaram os leques, mas viram Lyuba Duprat utilizando-os. Essas memórias marcaram-nos de certa forma.

Vale mencionar, ainda, que, ao serem indagados sobre os dois objetos centrais deste artigo (carroça e leque), alguns entrevistados criaram algumas conexões com outros objetos, os quais haviam sido utilizados, seja de forma direta ou indireta. Isso nos leva a pensar que os objetos funcionam em conexão, ou em redes, com outros. Em outros termos, é importante destacar que as narrativas, a rigor, conectam os objetos selecionados (carroça e leque) a outros que estão dentro do Museu, na forma de uma rede de relações simbólicas, ideia que podemos ancorar na teoria Ator-Rede, do antropólogo francês Bruno Latour (2012). Para o referido autor, os objetos podem estar imersos em uma rede de significações, inter-relações, em que humanos e não-humanos estão conectados, reciprocamente, de maneira horizontal. Isso ocorre, segundo John Law (2001), outro teórico que aborda o conceito, porque os objetos têm o poder de agir sobre os sujeitos. “O não-humano tanto quanto o humano podem agir. Essa agência não pertence necessariamente às pessoas.” (LAW, 2001, p. 1, tradução nossa)²⁶. A partir desse ponto de vista, para Latour (2012), os não-humanos, ou seja, os objetos, não devem ser considerados intermediários da relação com os humanos, mas mediadores dessa relação.

Por último, mas não menos importante, observamos, como já mencionado, que os objetos são responsáveis por ajudarem os entrevistados, a partir de suas percepções, a afirmarem suas identidades e memórias individuais e/ou coletivas, tanto pelo contato direto quanto indireto que tiveram com os mesmos. Em outros termos, podemos dizer que preservamos nos museus não apenas objetos, mas, sobretudo, quem fomos, somos e seremos.

²⁶ “*The non-human just as much as the human may act. That agency does not necessarily belong to people.*”

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Pedro. Os objetos que colecionavam sujeitos (estilo ou gênero de escrita): diálogos sociológicos. **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, p. 206-210, jan/jun. 2005.
- ANJOS, Danielle Manczak. **Acervo e Sociedade** – Museu da Cidade do Rio Grande – RS. 2012. 170 páginas. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2012.
- AVANCINI, Berenice Heloísa. **[Entrevista]**. 2013. Entrevista concedida à Olivia Silva Nery, em 03 de dezembro de 2013, na cidade de Rio Grande/RS.
- ALMEIDA, Tabajara Lucas. **[Entrevista]**. 2014. Entrevista concedida à Olivia Silva Nery e realizada através do programa Skype (conversa online), em 18 de fevereiro de 2014, nas cidades de Porto Alegre e Rio Grande/RS.
- APPADURAI, Arjun. **A Vida Social das Coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: Editora da Universidade Fluminense, 2008.
- BITTENCOURT, Ezio. Da rua ao teatro, os prazeres de uma cidade: sociabilidades & cultura no Brasil Meridional – **Panorama da História de Rio Grande**. Rio Grande: EDFURG, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção crítica social**. São Paulo: EDUSP, Porto Alegre, RS: Zouka, 2007.
- BRAGANÇA GIL, F. Museus de Ciência: preparação do futuro, memória do passado. **Revista de Cultura Científica**, Lisboa, n. 3, p. 72-89, out., 1988.
- BRANDI, Cesare. **Teoria da Restauração**. Apresentação por Giovanni Carbonara. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- BRAHM, José Paulo Siefert; RIBEIRO, Diego Lemos; TAVARES, Davi Kiermes. Memória e identidade: a musealidade no Museu Gruppelli, Pelotas/RS. **RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 2, n. 4, p. 685-705, 2016.
- BRAHM, José Paulo Siefert. **A musealidade no Museu Gruppelli: entre o visível e o invisível**. 2017, 208f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. UFPel, Pelotas, 2017.
- BRULON, Bruno. Passagens da museologia: a musealização como caminho. **Revista Museologia e Patrimônio**, v. 11, n. 2, 2018.
- CHAGAS, Mário de Souza. O verão, o museu e o rock. **Cadernos de Sociomuseologia**, n. 2- ULHT, Lisboa, 1994a. p.73-75. Disponível em: <http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/3515/O%20ver%C3%A3o.pdf?sequence=3>. Acesso em: 07 de ago. 2017.
- CHAGAS, Mário de Souza. Em busco do documento perdido: a problemática da construção teórica na área da documentação. **Cadernos de Museologia**, n. 2, p. 29-47. 1994b.
- DEBARY, Octave. Segunda mão e segunda vida: objetos, lembranças e fotografias. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v. 2, n. 3, p. 27- 45. Ago.-nov. 2010.
- DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Eds.) **Conceitos-Chave de museologia**. São Paulo, Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus; Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2014.

DICIONÁRIO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA ARQUIVÍSTICA. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

DOHMANN, Marcus. **A experiência material: a cultura do objeto**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.

DOLCI, Regina Carmem. **[Entrevista]**. 2014. Entrevista concedida à Olivia Silva Nery, em 18 de dezembro de 2014, na cidade de Rio Grande/RS.

FERREIRA, Maria Letícia; GASTAUD, Carla; RIBEIRO, Diego Lemos. Memória e emoção patrimonial: Objetos e vozes num museu rural. **Museologia e Patrimônio**, v. 6, p. 57-74, 2013. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/download/236/218>. Acesso em: 20 ago. 2017.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano**. 1ª edição digital. São Paulo: Editora Global, 2013.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação (1990). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. v.1. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. p. 203-210.

GAWRYSZEWSKI, Paulo, ALEIXO, Erika, ARAÚJO, De Marina. Circuito Caminhos da Cultura. Rede de Educação Patrimonial. In: **I Encontro Nacional da REM- Rede de Educadores em Museus e Centros Culturais do Estado do Rio de Janeiro**. Edição casa de Rui Barbosa: Coleção FCRB Aconteceu, 2010. p. 293-318.

GELL, Alfred. **Art and Agency: An Anthropological Theory**. Oxford: Clarendon Press, 1998.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

GONÇALVES, José Reginaldo; GUIMARÃES, Roberta; BITAR, Nina. **A Alma das Coisas: patrimônios, materialidades e ressonâncias**. Rio de Janeiro: Mauad X, Faperj, 2013.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.

GOSDEN, Chris; MARSHALL, Yvonne. The Cultural Biography of Objects. **World Archaeology**, Vol. 31, No. 2, (Oct., 1999), p. 169-178.

GRUPPELLI, Paulo Ricardo. **[Entrevista]**. 2016. Entrevista concedida a José Paulo Siefert Brahm, em 05 de junho de 2016, na cidade de Pelotas/RS.

HANCIAU, Nubia. Lyuba Duprat. **O Peixeiro**, Rio Grande. 24-25 de junho de 2000. Sem página.

HANCIAU, Flavio. **[Entrevista]**. 2015. Entrevista concedida à Olivia Silva Nery, em 18 de janeiro de 2015, na cidade de Rio Grande/RS.

HOLTZ, Helton Val. **[Entrevista]**. 2016. Entrevista concedida a José Paulo Siefert Brahm, em 20 de novembro de 2016, na cidade de Pelotas/RS.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun. 2008. **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: EdUFF, 2008.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social: uma introdução à teoria do Ator-rede**. Salvador: Edufba, 2012, São Paulo: Edusc, 2012.

- LAW, John. **Ordering and obduracy**. Centre for Science Studies. Lancaster University, 2001. Disponível em: <http://www.lancaster.ac.uk/fass/resources/sociology-online-papers/papers/law-ordering-and-obduracy.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2015.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A exposição museológica: reflexões sobre pontos críticos na prática contemporânea. **Ciências em Museus**, Belém, n. 4, p. 103-120, 1992.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Memória e Cultura Material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n.21, 1998.
- MENSCH, Peter Van. **O objeto de estudo da museologia**. Rio de Janeiro: UNI-RIO/UGF, 1994.
- MICALIZZI, Alessandra. Oggetti, memoria e trauma: narrazioni e biografie intorno alle cose. In: **Magma**; janeiro-abril 2012, v. 10. Disponível em: http://www.magma.analisiqualitativa.com/1001/articolo_04.htm. Acesso em: 17 abr. 2017.
- MIRANDA, Victorino Chermont de. O problema da nostalgia nas coleções de porcelanas históricas. In: MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano (Org.). **Coleção e colecionadores: a polissemia das práticas**. Rio de Janeiro: Museu histórico Nacional, 2012, p. 74-85.
- NERY, Olivia Silva. **A invisibilidade na materialidade: as pontes de memória nos objetos de Lyuba Duprat**. 2015. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. UFPel, Pelotas, 2015.
- PERROT, Michele. Práticas da memória feminina. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9, n. 18, agosto 89/setembro 89, pp. 09 -18.
- PINHEIRO, Maurício André Maschke et al. Concepção, montagem e avaliação da exposição temporária “a vida efêmera: um olhar pós-enchente”, no Museu Gruppelli, Pelotas/RS. **Seminário de História da Arte-Centro de Artes-UFPel**, n. 6, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/11542/7383>. Acesso em: 09 abr. 2020.
- POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: **VV. AA. Enciclopédia Einaudi 1: Memória-História**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1997. p. 51-86.
- POULOT, Dominique. **Museu e Museologia**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2013.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Sempre Bela. In: PINSKY, Carla B. e PEDRO, Joana Maria. (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. 1. ed., São Paulo: Contexto, 2013.
- SILVEIRA, Helena; KORTLANDT, Adriana. **Fios de memória: um guia para escrever de si**. Brasília: Thesaurus, 2010.
- TAVARES, Davi Kiermes; BRAHM, José Paulo Siefert; RIBEIRO, Diego Lemos. Museu da morte? Vozes e narrativas no Cemitério de Santo Amaro, Recife/PE. **Revista de História Comparada**, v. 10, n. 2, p. 95-125, 2016.
- TORRES, Luiz Henrique. Cronologia Básica da História da Cidade do Rio Grande (1737 – 1947). **BIBLOS** – v. 22, n. 2, p. 9-18. Rio Grande: EDIFURG, 2008.
- WEBER, Cláudia Eliana. **[Entrevista]**. 2016. Entrevista concedida a José Paulo Siefert Brahm, em 20 de novembro de 2016, na cidade de Pelotas/RS.